

LITERATURA BRASILEIRA  
Textos literários em meio eletrônico  
Gregório de Matos

Texto-fonte: Obra Poética, de Gregório de Matos, 3ª edição,  
Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

Crônica do Viver Baiano Seiscentista

**Índice**

OS SEUS DOCES EMPREGOS

ÀS RELIGIOSAS QUE EM HUMA FESTIVIDADE, QUE CELEBRÁRAM, LANÇÁRAM A  
VOAR VARIOS PASSARINHOS.

A D. MARTHA DE CHRISTO PRIMEYRA ABBADEÇA DO DESTERRO GALANTEA O  
POETA OBSEQUIOSAMENTE.

CELEBRA O POETA O CASO, QUE SUCCEDEU A HUA FREYRA DO MESMO  
CONVENTO A QUEM OUTRAS FREYRAS TRAVESSAS LHE MOLHARAM O  
TOUCADO, COM QUE PERTENDIA FALLAR À SUA AMANTE.

A D. CATHERINA PRELADA, QUE FOY NO MOSTEYRO DE ODIVELLAS, E AGORA  
PORTEYRA PEDE O POETA HUMA GRADE.

REPETIO O POETA A MESMA ROGATIVA DEPOIS DE ALGUM TEMPO.

NO DIA EM QUE O POETA EMPRENDEO GALANTEAR HUA FREYRA DO MESMO  
CONVENTO SE LHE PEGOU O FOGO NA CAMA, E INDO APAGAR-LO, QUEYMOU  
UMA MÃO.

QUEYXA-SE HUMA FREYRA DAQUELLA MESMA CASA, DE QUE SENDO VISTA HUA  
VEZ DO POETA, SE DESCUYDAVA-SE DE À TORNAR A VER.

A HUMA FREYRA QUE NAQUELLA CASA SE LHE APRESENTOU RICAMENTE  
VESTIDA, E COM UM REGALO DE MARTAS.

A OUTRA FREYRA, QUE SATYRIZANDO A DELGADA FIZIONOMIA DO POETA LHE  
CHAMOU PICAFLOR.

QUEYXA-SE O POETA DAS FUNDADORAS, QUE VIERAM DE EVORA, POR NÃO  
PODER CONSEGUIR ALGUM GALANTEYO NAQUELLA CASA, E SEREM SOMENTE  
ADMITTIDOS FRADES FRANCISCANOS.

REPETE A QUEYXA INCREPANDO AS CONFIANÇAS DE FR. THOMAZ  
D'APRESENTAÇÃO, QUE SE INTROMETTIA SOFREGAMENTE NAQUELLA CASA,  
ONDE O POETA JA TINHA ENTRADA COM D. MARIANNA, FREYRA, QUE  
BLAZONANDO SUAS ESQUIVANÇAS LHE HAVIA DITO, QUE SE CHAMAVA  
ORTIGA.

A MESMA FREYRA D. MARIANNA PELO MESMO CASO DE SE HAVER APPELLIDADO ORTIGA.

QUEYXA SE O POETA A MESMA FREYRA DE SUAS INGRATIDÕES DESPRIMOROSAS, IMITANDO A D. THOMAZ DE NORONHA EM HUM SONETO, QUE FEZ A CERTA FREYRA, QUE PRINCIPIA "SOROR DONA BARBARA".

À MESMA FREYRA JA DE TODO MODERADA DE SEUS ARRUFOS E CORRESPONDENDO AMANTE AO POETA.

À MESMA FREYRA EM OCCASIÃO, QUE O POETA À OUVIU CANTAR COM AQUELLA ESPECIAL GRAÇA QUE PARA ISSO TINHA.

À MESMA FREYRA MANDANDOLHE HUM PRESENTE DE DOCES.

AO MESMO ASSUMPTO.

A OUTRA FREYRA QUE ESTRANHOU AO POETA SATYRIZAR AO PE. DAMASO DA SYLVA, DIZENDOLHE QUE ERA HUM CLERIGO TAM BENEMERITO, QUE JA ELLA TINHA EMPRENHADO, E PARIDO DELLE.

A HUMA FREYRA QUE IMPEDIO A OUTRA MANDAR HUM VERMELHO AO POETA DE PRESENTE, DIZENDO, QUE À HAVIA SATYRIZAR.

A CERTA FREYRA QUE EM DIA DE TODOS OS SANTOS MANDOU A SEU AMANTE GRACIOSAMENTE POR PAM POR DEOS HUM CARÁ.

A OUTRA FREYRA QUE MANDOU AO POETA HUM CHOURIÇO DE SANGUE.

## OS SEUS DOCES EMPREGOS

### 13 – A FREIRA: RALO, RODA E GRADE

No dia em que o Poeta empredeu galantear uma Freyra  
no mesmo convento se lhe pegou o fogo na cama.

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

Alto: vou- me meter Frade  
na ordem de Fr. Tomás,  
serei perpétuo lambaz  
do ralo, da roda, e grade:  
mamarei paternidade,  
Deo gratias se me dará,  
e apenas se me ouvirá  
o estrondo do meu tamanco,  
quando a Freira sobre o banco  
no ralo me aguardará.

### ÀS RELIGIOSAS QUE EM HUMA FESTIVIDADE, QUE CELEBRÁRAM, LANÇÁRAM A VOAR VARIOS PASSARINHOS.

Meninas, pois é verdade,  
não falando por brinquinhos,  
que hoje aos vossos passarinhos  
se concede liberdade:  
fazei-me nisto a vontade  
de um passarinho me dar,  
e não o deveis negar,  
que espero não concedais,  
pois é dia, em que deitais  
passarinhos a voar.

### A D. MARTHA DE CHRISTO PRIMEYRA ABBADEÇA DO DESTERRO GALANTEA O POETA OBSEQUIOSAMENTE.

Ilustríssima Abadessa,  
generosa Dona Marta,  
que inda que nunca vos vi,  
vos conheço pela fama.  
Um ludíbrico da fortuna,  
epílogo de desgraças  
se oferece a vossos pés,  
para beijar-vos as plantas.  
E bem, que a tão breve pé  
sobra uma boca tamanha,  
que mal me estará fazer-vos  
as adorações sobradas.

Que dissera eu, se vos vira  
a beleza dessa cara,  
dos corações doce enleio,  
suave encanto das almas?  
Mas já que nunca vos vi,  
por não ter dita tão alta,  
a informação, que tirei,  
para desejar-vos basta.  
Vós sois, Senhora Abadessa,  
fruto de tão nobre planta,  
que se não nascêreis vós,  
mal pudera outro imitá-la.  
O que vos peço, é querer-vos  
ou que me désseis palavra  
de consentir, que vos queira,  
que é dom, que não custa nada.  
Eu sou um conimbricense  
nascido nestas montanhas,  
e sobre um ovo chocado  
entre gemas, e entre clara.  
Servi a Amor muitos anos,  
e como sempre mal paga,  
tenho a alma sabichona  
já de muito escarmentada.  
Não tenho medo de vós,  
que não sois das namoradas,  
dadas a mui pertendidas  
pelo meio de falsárias.  
Sois uma Freira mui linda,  
bem nascida, e bem criada.  
e o gabo não vos assuste,  
que ninguém gorda vos chama.  
A este pobre fradulário  
dai qualquer favor por carta,  
porque no tardar do prêmio  
não perigue a esperança.

**CELEBRA O POETA O CASO, QUE SUCCEDEU A HUA FREYRA DO MESMO  
CONVENTO A QUEM OUTRAS FREYRAS TRAVESSAS LHE MOLHARAM O  
TOUCADO, COM QUE PERTENDIA FALLAR À SUA AMANTE.**

- 1 Pelo toucador, clamaís,  
e em confusão me meteis,  
porque se enxuto o quereis  
como sobre ele chorais?  
quanto mais suspiros dais,  
novos extremos fazendo,  
vai vosso dano crescendo,  
e é mui mal desperdiçado  
sobre a perda do toucado  
andar pérolas perdendo:
- 2 Mas um peito lastimado,

que tem em pouco essas sobras,  
dirá, pois chora por dobras,  
que o deixem chorar dobrado:  
ditoso o vosso toucado  
nas lágrimas, que chorastes,  
pois tão bem desempenhastes  
as vezes, que vos ornou,  
que se até aqui vos toucou,  
de pérolas o toucastes.

- 3 Porventura, Nise, achais,  
que mais bela a touca estava  
ao tempo, que vos toucava,  
do que agora a toucais?  
não vedes, não reparais,  
que aqueles vãos ornamentos  
umedecidos, e lentos  
de aljôfares derretidos,  
o que estão de mui caídos,  
isso têm de mais alentos?
- 4 Chorais com razão tão pouca,  
que estão todos murmurando,  
que andais as toucas lançando  
não mais que por uma touca  
se por Sílvia ides louca,  
porque amante vos anele,  
e mais por vós se desvele,  
vinde à grade destoucada,  
e verá, que de empenhada  
botais as toucas por ele.
- 5 Inundais as escarlatas  
à guisa da bela aurora,  
como se mui novo fora,  
que água se banhem patas:  
se as Profetas, ou Donatas,  
que as patas vos mergulharão  
tanto a peça celebraram,  
zombai das suas invejas,  
não se gabem malfazejas,  
que de patas nos viraram.

#### **A D. CATHERINA PRELADA, QUE FOY NO MOSTEYRO DE ODIVELLAS, E AGORA PORTEYRA PEDE O POETA HUMA GRADE.**

Parabém seja à vossa Senhoria  
Ser da Chave dourada dessa glória,  
Que há de dar-nos sem obra meritória  
Por graça só da sua fidalguia.

Se, quando o céu monástico regia,  
Deixou de seu juízo tal memória,

Quanto mais, que o rege, dará vã glória  
Estar abrindo a glória cada dia.

Qualquer alma, que à glória se avizinha,  
Contente aceita, alegre se acomoda  
Com toda glória não: cuma casinha.

Não dê Vossenhoria a glória toda,  
Mas bem vê, que à crueldade se encaminha,  
Que, sendo Caterina, dê a roda.

#### **REPETIO O POETA A MESMA ROGATIVA DEPOIS DE ALGUM TEMPO.**

Minha Senhora Dona Caterina,  
Posto que montam pouco os meus engodos,  
Agora os junto, e os engrazo todos,  
Chamando a minha Mãe minha Menina.

Já sabeis, que me faz fome canina  
Lise, de cujos agradáveis modos  
Não são para servir de seus apodos  
Os astros dessa esfera cristalina.

Tratai de me fartar esta vontade  
em uma grade, como em uma boda,  
Que é pouco em cada mês uma só grade.

Pois toda a Mãe seus Filhos acomoda,  
Adverti, que parece crueldade,  
Que sendo Caterina deis a roda.

#### **NO DIA EM QUE O POETA EMPRENDEO GALANTEAR HUA FREYRA DO MESMO CONVENTO SE LHE PEGOU O FOGO NA CAMA, E INDO APAGAR-LO, QUEYMOU UMA MÃO.**

Ontem a amar-vos me dispus, e logo  
Senti dentro de mim tão grande chama,  
Que vendo arder-me na amorosa flama,  
Tocou Amor na vossa cela o fogo.

Dormindo vós com todo o desafogo  
Ao som do repicar saltais da cama,  
E vendo arder uma alma, que vos ama,  
Movida da piedade, e não do rogo

Fizestes aplicar ao fogo a neve  
De uma mão branca, que livrar-se entende  
Da chama, de quem foi despojo breve.  
Mas ai! que se na neve Amor se acende,  
Como de si esquecida a mão se atreve  
A apagar, o que Amor na neve incende.

**QUEYXA-SE HUMA FREYRA DAQUELLA MESMA CASA, DE QUE SENDO VISTA HUA  
VEZ DO POETA, SE DESCUYDAVA-SE DE À TORNAR A VER.**

Quem a primeira vez chegou a ver-vos,  
Nise, e logo se pôs a contemplar-vos,  
Bem merece morrer por conversar-vos,  
E não pode viver sem merecer-vos.

Não soube ver-vos bem, nem conhecer-vos  
Aquele, que outra vez deseja olhar-vos,  
Pois não caiu nos riscos de tratar-vos,  
Quem quer, que lhe queirais por já querer-vos.

Essas luzes de amor ricas, e belas  
Vê-las basta uma vez, para admirá-las,  
Que vê-las outra vez, será ofendê-las.

E se por resumi-las, e contá-las,  
Não se podem contar, Nise, as estrelas,  
Nem menos à memória encomendá-las.

**A HUMA FREYRA QUE NAQUELLA CASA SE LHE APRESENTOU RICAMENTE  
VESTIDA, E COM UM REGALO DE MARTAS.**

De uma rústica pele, que antes dera  
A um bruto monte, fez regalo Armida,  
Por ser na fera a gala conhecida,  
Como na condição já dantes era.

Menos que Armida já se considera  
Ser a fera, pois perde a doce vida  
Por Armida cruel: e esta homicida  
Por vestir a fereza, despe a fera.

Se era negra, e feroz por natureza,  
Com tal mão animada a pele goza  
De um cordeirinho a mansidão, e a alvura.

Oh que tal é de Armida a mão formosa!  
Que faz perder às feras a fereza,  
E trocar-se a fealdade em formosura.

**A OUTRA FREYRA, QUE SATYRIZANDO A DELGADA FIZIONOMIA DO POETA LHE  
CHAMOU PICAFLOR.**

Se Pica-flor me chamais,  
Pica-flor aceito ser,  
mas resta agora saber,  
se no nome, que me dais,  
meteis a flor, que guardais  
no passarinho melhor!  
se me dais este favor,

sendo só de mim o Pica,  
e o mais vosso, claro fica,  
que fico então Pica-flor.

**QUEYXA-SE O POETA DAS FUNDADORAS, QUE VIERAM DE EVORA, POR NÃO  
PODER CONSEGUIR ALGUM GALANTEYO NAQUELLA CASA, E SEREM SOMENTE  
ADMITTIDOS FRADES FRANCISCANOS.**

- 1 Estamos na cristandade?  
Sofrer se há isto em Argel,  
que um convento tão novel  
deixe um leigo por um Frade?  
que na roda, ralo, ou grade  
Frades de bom, e mau jeito  
comam merenda e eito,  
e estejam a seu contento  
feitos papas do convento,  
porque andam co papo feito?
- 2 Se engordar a fradaria  
a esta cidade os trouxeram,  
melhor fora, que vieram,  
sustentar a Infantaria:  
que importa, que cada dia  
façam obras, casas fundem,  
se os Fradinhos as confundem  
por modo tão execrando,  
que quanto elas vão fundando,  
tudo os Frades lhes refundem.
- 3 Pelo jeito, que isto leva,  
cuidam, que em Évora estão,  
onde de Inverno, e Verão  
se põem os marrões de ceva:  
nenhuma jamais se atreva  
sob pena de excomunhão  
a cevar o seu marrão,  
que se em tais calamidades  
me asseguram, que são Frades  
arto em cevá-los lhe irão.
- 4 Sirvam-se do secular,  
que ali está o garbo, o asseio,  
o primor, o galanteio,  
a boa graça, o bom ar:  
a este lhe hão de falar  
à grade, ao pátio, ao terreiro,  
que o secular todo é cheiro,  
e o Frade a mui limpo ser,  
sempre há de vir a feder  
ao cepo de um Pasteleiro.
- 5 Em chegando à grade um Frade  
sem mais carinho, nem graça,

o braço logo arregaça,  
e o trespassa pela grade:  
e é tal a qualidade  
de qualquer Frade faminto,  
que em um átomo sucinto  
se vê a freira coitada  
como um figo apolegada,  
e molhada como um pinto.

6 O secular entendido,  
encolhido e mesurado  
não pede de envergonhado,  
não toma de comedido:  
cortesmente de advertido,  
e de humilde cortesão  
declara a sua afeição,  
e como se agravo fora,  
chama-lhe sua Senhora,  
chama-lhe, e pede perdão.

7 Mas o Frade malcriado,  
o vilão, o malhadeiro  
nos modos é mui grosseiro,  
nos gostos mui depravado:  
brama, qual lobo esfaimado,  
porque a Freira se destape,  
e quer, porque nada escape,  
levar logo a causa ao cabo,  
e fede como o diabo  
ao budum do trape-zape.

8 Portanto eu vos admoesto,  
que o mimo, o regalo, o doce  
o secular vo-lo almoce,  
que a um Frade basta um cabresto:  
toda Freira de bom gesto  
se entregue em toda a maneira  
a um leigo, que bem lhe queira,  
e faltando ao que lhe pedem,  
praza a Deus, que se lhe azedem  
os doces na cantareira.

**REPETE A QUEYXA INCREPANDO AS CONFIANÇAS DE FR. THOMAZ  
D'APRESENTAÇÃO, QUE SE INTROMETTIA SOFREGAMENTE NAQUELLA CASA,  
ONDE O POETA JA TINHA ENTRADA COM D. MARIANNA, FREYRA, QUE  
BLAZONANDO SUAS ESQUIVANÇAS LHE HAVIA DITO, QUE SE CHAMAVA ORTIGA.**

1 Nenhuma Freira me quer  
de quantas tem o Desterro,  
porque todas são do ferro  
de Fr. Burro de Almister:  
que me dá do seu querer,  
se eu também nenhuma quero:  
mas o rostinho severo

de Soror Madama Urtiga,  
porque me há de dar fadiga,  
se tão rendido o venero.

- 2 Que tem Freirinhas tão belas  
cos pobres dos seculares,  
que a todos lançam azares,  
e nunca a sorte cai nelas:  
deve de vir das estrelas  
de algum signo peçonhento,  
que abaixo do firmamento,  
onde jaz o Escorpião,  
lhos influi um Fradalhão,  
que lhes domina o convento.
- 3 Alto: vou-me meter Frade  
na ordem de Fr. Tomás,  
serei perpétuo lambaz  
do ralo, da roda, e grade:  
mamarei paternidade,  
Deo gratias se me dará,  
e apenas se me ouvirá  
o estrondo do meu tamanco,  
quando a Freira sobre o banco  
no ralo me aguardará.
- 4 Daí para a grade iremos,  
e apenas terei entrado,  
quando o braço arregaçado  
aos ofícios nos poremos:  
e quando nos não chegemos  
(porque o não consentirá  
a grade, que longe está)  
o seu, e o meu coração,  
porque vá de mão em mão,  
irá na barca da pá.
- 5 Pela pá irá o meu zás,  
e o seu pela pá virá,  
e à força de tanta pá  
viveremos sempre em paz:  
serei o maior mangaz,  
que passou de leigo a demo,  
e a Frade, que é mor extremo,  
e será por meu sojorno  
a pá para ela de forno,  
e pá para mim de remo.
- 6 Então me virá buscar  
a Senhora Dona Urtiga,  
Deo gratias, meu Fr. Fustiga,  
Deo gratias Sor Rosalgar:  
então me hei de pôr a olhar,  
e tão grave me hei de pôr,

que quando me diga Amor,  
esta é a Freira, que dei,  
dir-lhe-ei, já me purguei,  
e evacuei esse humor.

7 A fé Soror Mariana,  
que tanto me hei de vingar,  
que eu mesmo hei de perguntar  
pela Freira soberana:  
e há de dizer vossa Mana  
(digo Soror Florencinha)  
Senhor Doutor, esta é minha  
Irmã, a quem você quis,  
e hei de dizer-lhe, mentis,  
que esta é uma coitadinha.

8 Não sabeis, Soror Florença  
não sabeis diferenciar  
um Frade de um secular?  
pois é esta a diferença:  
tendo o leigo a capa imensa  
como homem racional  
nada lhe parece mal,  
toda a Freira é uma flor:  
mas em sendo Frei Fedor,  
a melhor é um cardal.

#### **A MESMA FREYRA D. MARIANNA PELO MESMO CASO DE SE HAVER APPELLIDADO ORTIGA.**

- 1 Como vos hei de abrandar,  
se dizeis, que sois Urtiga  
salvo se vos açoutar,  
porque então heis de ficar  
mais branda que uma bexiga.
- 2 Outro remédio melhor  
sei eu para a formosura,  
que faz gala do rigor,  
e é não a querer, que amor  
se vê, que vos faz mais aura.
- 3 Mas se isto de não querer-vos,  
a dureza há de abrandar-vos,  
sempre hei de vir a perder-vos,  
que o mesmo é morrer de ver-vos,  
que morrer de não falar vos.
- 4 Com que a cura de meu mal  
é amar, calar, sofrer  
que quando o mal é mortal,  
se à vida é prejudicial,  
será remédio o morrer.

- 5 Eu morro de vos querer,  
e tanto em morrer persisto,  
que podereis vos fazer,  
que não ficasse malquisto  
o venturão de vos ver.
- 6 Pois sabida a minha morte,  
e a sua causa sabida,  
fugindo vós de corrida,  
todos terão por má sorte  
ver-vos, e perder a vida.
- 7 Mas eu, que do mal de amor  
faço tanta estimação,  
não hei de queixar-me não  
de tão formoso rigor,  
nem de tão bela afeição.
- 8 Antes morte tão luzida  
com tal gosto a ela corro,  
que temo, minha homicida,  
que me torne dar a vida  
o prazer, com que me morro.

**QUEYXA SE O POETA A MESMA FREYRA DE SUAS INGRATIDÕES  
DESPRIMOROSAS, IMITANDO A D. THOMAZ DE NORONHA EM HUM SONETO, QUE  
FEZ A CERTA FREYRA, QUE PRINCIPIA "SOROR DONA BARBARA".**

Senhora Mariana, em que vos pes,  
Haveis de me pagar por esta cruz,  
Porque nisto de cornos nunca os pus,  
E sei, que me pusestes mais de três.

Não sei, quem vos tentou, ou quem vos fez  
Cruel, que rigor tanto em vós produz,  
Pois convosco não val, e em mim não luz  
Fé de Tudesco, e amor de Português.

Se contra vós algum delito fiz,  
Que do vosso favor fora me traz,  
Vós não podeis ser Parte, e mais Juiz.

Não queirais dar contudo a trasbarrás,  
Nem vos façais de mim xarrisbarris,  
Que me armeis por diante, e por detrás.

**À MESMA FREYRA JA DE TODO MODERADA DE SEUS ARRUFOS E  
CORRESPONDENDO AMANTE AO POETA.**

A bela composição  
dos dous nomes, que lograis,  
bem explica, o que cifrais  
nessa rara perfeição:  
porque sendo em conclusão

por Maria Mar, e sendo  
Graças por Ana, já entendo,  
que quem logra a sorte ufana  
de estar vendo a Mariana  
um mar de graça está vendo.

**À MESMA FREYRA EM OCCASIÃO, QUE O POETA À OUVIU CANTAR COM  
AQUELLA ESPECIAL GRAÇA QUE PARA ISSO TINHA.**

Oh quem de uma Águia elevada  
tivera uma pena! eu creio,  
que só então com fortuna  
descrevera a sol tão belo.  
Porém se tenho de Fênix  
as penas dentro em meu peito  
pelo abrasado, em que vivo  
sejam chamas, quanto escrevo.  
Mas não: sejam lavaredas  
à vista desse luzeiro,  
que a vista de sol tão claro  
escurece um vivo incêndio.  
Contudo se o desafogo  
se permite a todo o peito,  
por não estalar esta alma,  
coração, desabafemos.  
Convosco falo, Senhora,  
de minhas atenções centro,  
que a voz de um vale humilhado  
também chega ao monte excelso  
Recebi o sacrifício  
de um profundo rendimento,  
que as Deidades soberanas  
aceitam toscos obséquios.  
Não culpeis esta ousadia,  
nem crimineis tanto excesso  
que o destino de alta estrela  
me influi um amante excesso.  
Vi esse pasmo, que adoro,  
ouvi a voz, que venero,  
de ver fiquei sem sentido,  
e de ouvir sem pensamentos.  
Por ouvir fico enlevado,  
e por ver fico suspenso,  
se o ver me prendeu o corpo,  
o ouvir a alma me tem preso.  
Um pasmo de formosura  
do corpo é somente enleio,  
e a voz mais doce, e canora  
é só d'alma firme emprego.  
Mas ser cantora suave,  
e ser gentil com portento  
é ser labirinto, e pasmo  
d'alma, e corpo ao mesmo tempo.  
Porém se em laços tão doces

for eterno prisioneiro,  
não terão prêmio mais alto  
meus firmíssimos intentos.  
No nome sois mar de graça,  
de prendas sois mar imenso,  
não permitais, que naufrague  
meu amor sem ter remédio.  
Concedei-me um mar bonança,  
porto seguro, e sereno,  
que a esperança de servir-vos  
é âncora de querer-vos.  
Na firmeza sou penhasco,  
mas pronto a qualquer aceno,  
por isso as ondas mais brandas  
desse mar serei ligeiro.  
O vento do vosso agrado  
sopra sobre mim preceitos,  
serei baixel, que obediente  
voe como um pensamento.  
Seguirei o vosso norte,  
e por navegar direito,  
só esse sol seja o astro,  
que eu observe com empenho.  
Não haverá tempestade,  
por brabo que sopra o vento,  
que obrigue a mudar de rumo,  
quando em vosso mar navego.  
Venham pois de vossas luzes  
os mais brilhantes reflexos,  
porque possa encher a altura  
da viagem dos afetos.  
Mandai, que a vossa presença  
chegar possa a salvamento,  
pois ao mar dessas ternuras  
com vento em popa navego.

### **À MESMA FREYRA MANDANDOLHE HUM PRESENTE DE DOCES.**

- 1 Um doce, que alimpa a tosse,  
cousa muito grande era,  
se eu não trocara, e pudera  
a doçura pelo doce:  
se quisera Amor, que eu fosse  
tão digno, e tal me fizera,  
que juntos vos merecera  
ora o doce, a doçura ora,  
maldita a minha alma fora,  
se tudo vos não comera.
- 2 Mas há grande distinção.  
e discrímen temerário  
entre os doces de um almário,  
e as doçuras de uma mão:  
e quem é tão sabichão

destro no ré mi fá sol  
mal pode errar, em seu prol,  
quando sabe, que a doçura  
se se come, é por natura,  
e os mais doces por bemol.

3 O que enfim venho a dizer,  
é, que se à minha ventura  
negais comer da doçura,  
doces não hei de comer:  
não hei de troca fazer,  
mais que a palos me moais,  
e se comigo apertais,  
que os vossos doces almoce,  
é fazer-me a boca doce,  
quando a mim é por demais.

4 Trocai o doce em favor,  
e curai meu mal tão grave  
co'aquela ambrósia suave,  
com que foi criado o Amor:  
o néctar será melhor,  
que destilam vossas flores,  
que são tão secos favores  
são de amor efeitos pecos,  
tão mais são amores secos,  
como são secos amores.

#### **AO MESMO ASSUMPTO.**

Senhora minha: se de tais clausuras  
Tantos doces mandais a uma formiga,  
Que esperais vós agora, que vos diga,  
Se não forem muchisimas doçuras.

Eu esperei de amor outras venturas:  
Mas ei-lo vai, tudo o que é de amor, obriga,  
Ou já seja favor, ou uma figa,  
Da vossa mão são tudo ambrósias puras.

O vosso doce a todos diz, comei-me,  
De cheiroso, perfeito, e asseado,  
E eu por gosto lhe dar, comi, e fartei-me.

Em este se acabando, irá recado,  
E se vos parecer glutão, sofrei-me,  
Enquanto vos não peço outro bocado.

**A OUTRA FREYRA QUE ESTRANHOU AO POETA SATYRIZAR AO PE. DAMASO DA SYLVA, DIZENDOLHE QUE ERA HUM CLERIGO TAM BENEMERITO, QUE JA ELLA TINHA EMPRENHADO, E PARIDO DELLE.**

Confessa Sor Madama de Jesus,  
Que tal ficou de um tal Xesmeninês,  
Que indo-se os meses, e chegando o mês,  
Parira enfim de um Cônego Abestruz.

Diz, que um Xisgaravis deitara à luz  
Morgado de um Presbítero montês,  
Cara frisona, garras de Irlandês  
Com boca de cagueiro de alcatruz.

Dou, que nascesse o tal Xisgaravis,  
Que o parisse uma Freira: vade in paz,  
Mas que o gerasse o Senhor Padre! arroz  
Verdade pois o coração me diz,  
Que o Filho foi sem dúvida algum trás,  
Para as barbas do Pai, onde se pôs.

**A HUMA FREYRA QUE IMPEDIO A OUTRA MANDAR HUM VERMELHO AO POETA DE PRESENTE, DIZENDO, QUE À HAVIA SATYRIZAR.**

- 1 Ó vós, quem quer que sejais,  
que nem o nome vos sei,  
Freira, a quem nunca falei,  
e tão mal de mim falais:  
porque à fome me matais,  
sem vos dar motivo algum?  
pois querendo mandar-me um  
vermelho uma Freira guapa,  
vós me destes sem ser paga  
esse dia de jejum.
- 2 Não quisestes porfiosa,  
que se me mandasse o peixe,  
formando para isso um feixe  
de razões de bem má prosa:  
a Freirinha era medrosa,  
e vós, que o peixe intentastes  
livrar de tantos contrastes,  
de sátiro me arguístes,  
e satírica não vistes,  
que então me satirizastes.
- 3 Sendo o conselho tão tosco,  
tão bem a Freira o tomou,  
que o peixe me não mandou,  
por não se espinhar convosco:  
mas vós que tendes conosco,  
comigo, e minha talia?

e se o peixe vos doía,  
em que eu agora me escaldo,  
se o fazíeis pelo caldo,  
o caldo eu vo-lo daria.

- 4 Oh: faz a um cuspir no chão  
uma sátira o Doutor:  
satiriza um Pica-flor,  
quanto mais a um peixarrão:  
homem de tal condição  
não se lhe dá de comer,  
e tem pouco que entender,  
que o Doutor já fraco, e velho  
se há de comer o vermelho  
por força o há de morder.
- 5 Pois destes tão mal conselho,  
rogo ao demo, que vos tome,  
por deixar morrer à fome  
um pobre faminto velho:  
rogo ao demo, que ao seu relho  
vos prenda com força tanta,  
que nunca arredeis a planta,  
e que a espinha muita, ou pouca,  
que me tirastes da boca,  
se vos crave na garganta.
- 6 Assim como isto é verdade,  
que pelo vosso conselho  
perdi eu o meu vermelho,  
percai vós a virgindade:  
que vo-la arrebate um frade;  
mas isto que praga é?  
praza ao demo, que um cobé  
vos plante tal mangará,  
que parais um Paiaia,  
mais negro do que um Guiné.

#### **A CERTA FREYRA QUE EM DIA DE TODOS OS SANTOS MANDOU A SEU AMANTE GRACIOSAMENTE POR PAM POR DEOS HUM CARÁ.**

- 1 No dia. em que a Igreja dá  
pão por Deus à cristandade,  
tenho por má caridade  
dares vós, Freira, um cará:  
se foi remoque, oxalá,  
que vos dêem a mesma esmola,  
que não há mulher tão tola,  
que por mais honesta, e grave,  
não queira levar o cabe,  
se pôs descoberta a bola.
- 2 Descobristes a intenção,  
e o desejo revelastes,

quando o cará encaixastes,  
a quem vos pedia o pão:  
como quem diz: meu Irmão,  
se quem toma, se obrigou  
a pagar, o que tomou,  
vós obrigado a pagar-me,  
ficais ensinado a dar-me  
o cará, que vos eu dou.

- 3 Levado desta seqüela  
promete o mancebo já  
de dar-vos o seu cará,  
porque fique ela por ela:  
se consiste a vossa estrela  
em dar, o que heis de tomar,  
cará não há de faltar,  
porque o Moço não repara  
em levar a cópia, para  
o original vos tornar.
- 4 Se assim for, que assim será,  
fareis um negócio raro,  
porque um cará não é caro  
se por um outro se dá:  
e pois o quer pagar já  
sem detença, e com cuidado,  
se o quereis ver bem pagado,  
há de ser com tal partido,  
que por um cará cozido  
leveis o meu, que anda assado.
- 5 Vós pois me haveis de dizer  
(assentado este negócio)  
se quereis fazer socrócio,  
porque comigo há de ser:  
de carás heis de cozer  
uma boa caldeirada,  
e de toda esta tachada  
tal conserva heis de tomar,  
que vos venhais a pagar  
do cará co caralhada.

#### **A OUTRA FREYRA QUE MANDOU AO POETA HUM CHOURIÇO DE SANGUE.**

- 1 Conta-se pelos corrilhos  
que o Pelicano às titelas  
sustenta como morcelas  
a puro sangue a seus filhos:  
vós, Dona Fábria Carrilhos,  
se bem cuido, e não me engano,  
deveis de ser Pelicano,  
que enchestes este chouriço  
com o sangue alagadiço  
desse pássaro magano.

- 2 Com que este chouriço gordo,  
tão gordo, e especiado  
um filho vosso é criado  
co sangue do vosso tordo:  
porém tomou mau acordo,  
quem quer que o empapelou,  
e a dar-mo vos obrigou,  
pois não tem caminho enfim,  
mandares-me o filho a mim,  
que outro Pai vos encaixou.
- 3 O que me dita o toutiço,  
é, que o paio se mediu;  
e por onde este saiu,  
pode entrar qualquer chouriço:  
dizeis, que vos não dá disso,  
e eu creio, se vos não dá,  
mas alguém vo-lo dará,  
e que fora o meu quisera,  
porque se fartara, e enchera  
do sangue, que vai por lá.
- 4 Comi o chouriço cozido  
com sossego, e sem empenho,  
porque outro chouriço tenho  
para pagar o comido:  
vós tendes melhor partido,  
mais liberal, e mais franco,  
pois como em real estanco  
tal seguro vos prometo,  
que por um chouriço preto  
heis de levar o meu branco.
- 5 Sobre vos aventejar  
nas cores desta trocada,  
vós destes-me uma talhada,  
e eu todo vo-lo hei de dar:  
se cuidais de mo cortar,  
ele é duro de maneira  
que a faca mais cortadeira  
não fará cousa, que importa,  
que o meu chouriço o não corta,  
salvo um remoque de Freira.
- 6 Eu o dou por bem cortado  
deste primeiro remoque,  
que ao vosso mais leve toque  
fique de todo esgorado:  
então o vosso cuidado  
vendo, que tanto me emborco,  
e inda assim vos não emporco,  
terá por cousa do Olimpo,  
que a tripa de um homem limpo

se dê por tripa de porco.

- 7 Muito me soube atalhada  
do chouriço inda que preto,  
e a ser todo vos prometo,  
que a ceia fora dobrada:  
mas fora mais acertada  
cousa, e de menos trabalho  
que dando-vos nisto um talho,  
uma lingüiça vos cangue,  
que o chouriço coalha o sangue,  
e a lingüiça leva o alho.
- 8 Eu sou tão bom conselheiro,  
que heis de escolher, o que digo,  
porque quem fala comigo,  
escolhe em um tabuleiro:  
se vos for mais lisonjeiro  
o chouriço, que a lingüiça,  
dou gosto, e faço justiça:  
mas bem sabe quem se abrocha,  
que o chouriço a boca atocha,  
e a lingüiça o fogo atiça.

***Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística***